



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARINÊZ MARIA DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DE FÉ E DEVOÇÃO A SANTA ANA NA CIDADE DE MONSENHOR  
HIPÓLITO-PI NOS ANOS DE 2000-2007**

PICOS-PI  
2016

MARINÊZ MARIA OLIVEIRA

**PRÁTICAS DE FÉ E DEVOÇÃO A SANTA ANA NA CIDADE DE MONSENHOR  
HIPÓLITO-PI NOS ANOS DE 2000-2007**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, do Campus Senador Helvídio  
Nunes de Barros da Universidade Federal do Piauí.

Orientador(a): Prof. Ms. Carla Silvino de Oliveira

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**

**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**O482p** Oliveira, Marinêz Maria de

Práticas de fé e devoção a Santa Ana na cidade de Monsenhor Hipólito-PI nos anos de 2000-2007 / Marinêz Maria de Oliveira. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. ( 54f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ma. Carla Silvino de Oliveira.

1. Religiosidade. 2. Santa Ana-Devoção. 3. Fé. I. Título.

**CDD 200**

MARINÊZ MARIA DE OLIVEIRA

PRÁTICAS DE FÉ E DEVOÇÃO A SANTA ANA NA CIDADE DE MONSENHOR  
HIPÓLITO-PI NOS ANOS DE 2000-2007

MONOGRAFIA APRESENTADA, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A  
OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE GRADUADA EM HISTÓRIA. PELA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO PIAUÍ.

Aprovada em 02/03/16

BANCA EXAMINADORA

*Carla Silvano de Oliveira*

---

Profª. Ms. Carla Silvano de Oliveira / UFPI - CSHNB  
(Orientadora)

*Paula*

---

Profª. Ms. Ana Paula Cantelli Castro / UFPI - CSHNB  
(Examinador)

*Raimundo Nonato Lima dos Santos*

---

Profº. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos / UFPI - CSHNB  
(Examinador)

Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, a minha mãe que sempre me incentivou nessa caminhada, dando seu amor e me apoiando.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de chegar até aqui superando as dificuldades encontradas no caminho.

A minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, pelo amor para comigo e por encorajar-me todos os dias dessa caminhada, apoiando-me e aconselhando-me sempre para que eu não desistisse e chegasse até aqui.

A minha orientadora Me. Carla Silvino de Oliveira, pelo apoio, companheirismo, paciência, e principalmente pelo empenho dedicado na elaboração deste trabalho, se não fosse sua ajuda e dedicação não teria conseguido. Muito obrigada!!!

A todos os professores do Curso pelo conhecimento transmitido.

Aos meus irmãos pelo carinho e pelo apoio.

Aos meus amigos do coração, Tássio, Marina, Priscilla, Cicero, Jéssica, Mariana e Renata que sempre estiveram do meu lado durante o curso. Obrigado pelo apoio, ajuda e principalmente pela amizade, levarei vocês no meu coração para onde quer que eu vá.

Aos depoentes, que disponibilizaram o seu tempo para compartilhar as suas memórias, vocês foram peça fundamental para a realização deste trabalho.

E a todos os meus amigos de modo geral e familiares que contribuíram de uma forma ou de outra na realização deste trabalho.

A todos, o meu muito obrigada!!!!

A vida religiosa da humanidade realiza-se na história, suas expressões são fatalmente condicionadas pelos múltiplos momentos históricos e estilos culturais [...] não é a variedade infinita das experiências religiosas do espaço que interessa, mas, ao contrário, seus elementos de unidade (ELIADE, Mircea, 1992, p. 59).

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é analisar as manifestações de fé e devoção a Santa Ana. Assim, apresentam-se alguns problemas a essa pesquisa que buscamos responder ao longo do trabalho: De que forma os discursos da Igreja Católica se materializam nas práticas de fé dos devotos de Santa Ana? Quais as principais práticas de fé do hipolitano devoto de Santa Ana? Para tanto, conta-se com o relato de pessoas, fortemente arraigadas a sua fé e devoção. Nessa perspectiva debruçamos nosso olhar sobre considerações acerca da história e memória, em autores como Burke (2000), Le Goff (2003) e Pollak (1992), Halbwachs (1990) haja vista serem as bases que permitiram a construção desse estudo. Para efetiva construção desse trabalho a metodologia empregada utilizou-se de pesquisa bibliográfica para seu aporte teórico, mas as fontes principais foram essencialmente orais, constituindo-se nos depoimentos de devotos hipolitanos de Santa Ana compreendendo assim que a tradição religiosa na cidade de Monsenhor Hipólito, tem sido passada de geração para geração.

**Palavras- Chaves:** Práticas religiosas. Religiosidade. História de Monsenhor Hipólito-PI.



## ABSTRACT

The main objective of this study is to analyze the manifestations of faith and devotion to Santa Ana. Thus, we present some problems to this research we seek to answer throughout the work: How the discourse of the Catholic Church materialize in faith practices of devotees of Santa Ana? What are the main faith practices devotee hipolitano Santa Ana? Therefore, it has the story of people, strongly rooted in their faith and devotion. In this perspective worked through our eye on considerations about history and memory, as authors Burke (2000), Le Goff (2003) and Pollak (1992), Halbwachs (1990) in view are the foundations that enabled the construction of this study. For effective construction of this work the methodology we used in literature for his theoretical contribution, but the main sources were mainly oral, becoming the testimonies of hipolitanos devotees of Santa Ana as well realizing that the religious tradition in the town of Bishop Hippolytus, It has been passed down from generation to generation.

**Key-Words:** Religious practices. Religion. History of Monsignor Hippolyte-PI.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 FILHOS E DEVOTOS DE SANTA ANA: MONSENHOR HIPÓLITO E SUAS “ORIGENS” .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 História e memória.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Monsenhor Hipólito: A terra dos “filhos” e devotos de Santa Ana.....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 A relação entre religião e religiosidade: Uma abordagem entre o sagrado e o profano.....</b>	<b>23</b>
<b>2 MANIFESTAÇÕES DE DEVOÇÃO A SANTA ANA EM MONSENHOR HIPÓLITO: Os discursos da Igreja e sua materialização nas Práticas dos fiéis .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Os discursos da Igreja e a devoção a Santa Ana: A prática e concepção dos fiéis emaranhadas ao discurso da Igreja Católica.....</b>	<b>29</b>
<b>2.2 Práticas de fé e devoção à Santa Ana nos de 2000-2007 na cidade de Monsenhor Hipólito-PI.....</b>	<b>37</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
<b>LISTA DE FONTES .....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, como afirma Brandim (2007), o Brasil foi um país onde o catolicismo predominou fortemente. Mesmo após a diminuição de números de fiéis, devido ao surgimento da religião protestante, ainda permanecem marcantes práticas religiosas do catolicismo como: romarias, festas de padroeiros (as), promessas, novenas, ou outras manifestações devocionais da população católica. No Piauí não é diferente, pois o número de católicos no Estado é bastante expressivo.

Dentro desse quadro de religiosidade, as manifestações de fé se apresentam diversificadas de um lugar para outro. As festas dos padroeiros e/ou padroeiras marcam o calendário festivo e litúrgico das cidades piauienses. Em Monsenhor Hipólito Piauí, as festividades religiosas são marcadas pelas novenas dedicadas a Santa Ana, padroeira dessa cidade.

Desse modo a temática abordada nessa pesquisa é: “Práticas de fé e devoção a Santa Ana na cidade de Monsenhor Hipólito-PI nos anos de 2000-2007”. O interesse pelo tema surgiu quando percebemos a importância que a comunidade hipolitana atribuía à padroeira da cidade, Nossa Senhora Santa Ana, através das manifestações de fé e devoções, sobretudo, nos anos de 2000 a 2007. À medida que acompanhávamos a participação dos familiares nas alusões festivas a Santa Ana, a curiosidade em torno das práticas de devoção dos fiéis e o interesse em compreender o discurso da Igreja Católica e sua relevância na vida dos devotos de Santa Ana aumentavam. Apesar de ser um tema bastante complexo, procuramos compreender a finalidade dessas manifestações religiosas e quais os motivos que levaram o surgimento dessa prática de devoção a Santa e por que permanecem até os dias atuais.

As práticas de devoção a Santa Ana iniciaram desde 1907 quando os primeiros habitantes do povoado Riachão, que viria a ser posteriormente a cidade de Monsenhor Hipólito, já devotados de Santa Ana constroem uma capela e com fé realizam preces a Jesus, promessas, procissões, novenas e outras práticas religiosas, que perduram até os dias atuais.

As manifestações de fé em torno da padroeira da cidade acontecem com mais intensidade no período em que são comemorados os festejos de Santa Ana, de 17 a 26 de julho. Durante esse período a cidade de Monsenhor Hipólito recebe

muitos visitantes que vêm participar dos festejos, entre eles os devotos da Santa, e outros atraídos pela fama dos festejos e da fé e devoção do povo hipolitano a Santa Ana.

Foi a partir da Terceira Geração dos Annales que muitos historiadores passaram da base econômica, de caráter marxista, para o estudo das manifestações culturais de uma sociedade, com a sensibilidade em questões do presente. A História se junta a Antropologia e se interessa por aspectos simbólicos e culturais das sociedades, surgindo assim uma nova História Cultural.

A abordagem teórica feita por Carlo Ginzburg (2005), em *O Queijo e os Vermes* também se fez presente na construção desse trabalho, ao passo que um de seus objetos de estudo é as manifestações da cultura popular, que dentre elas está a religiosidade popular, como uma oposição à cultura letrada das classes dominantes. Isso é relevante para entendermos o sentido das manifestações de fé e devoção na cidade de Monsenhor Hipólito-Piauí. Carlo Ginzburg em *O Queijo e os Vermes* parte de um indivíduo, o Mennochio, para entender a sociedade. Nessa pesquisa problematizamos essas práticas religiosas, como manifestações culturais da referida cidade para poder compreender como se dá o processo de socialização entre os devotos de Santa Ana.

Roger Chartier (1990), outro historiador pertencente à nova História Cultural, traz os conceitos de representação e apropriação. O conceito de representação foi utilizado nessa pesquisa para entender a associação que os fiéis e os devotos fazem de Santa Ana, como sendo esta a avó de Jesus. É através dessa representatividade que vão surgir as manifestações em torno da figura de Santa Ana. Como a adoração, veneração, procissão, pedidos, agradecimentos, todos estes atos de fé religiosa se constituem como representações que segundo Geertz (1989) abrangem um sistema de símbolos que atuam para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções como tal aura de faturalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Ainda como referencial teórico utilizamos nessa pesquisa Portelli (2010), pois demonstra que o trabalho com fontes orais, que será utilizado nessa pesquisa, é um estudo que requer uma relação próxima com os seres humanos, com os cidadãos, e que necessariamente levanta questões políticas e éticas.

Nessa perspectiva as memórias dos entrevistados nos ajudaram a entender a trajetória das manifestações religiosas presentes na cidade de Monsenhor Hipólito-PI. É a História Oral que nos permite compreender as histórias de trajetória de pessoas e a preservação de tradições, relacionando o conhecimento passado com o presente e possivelmente com o futuro.

O embasamento teórico de nossa pesquisa também contou com autores-chaves que fomentaram nosso estudo, Foucault (1996) imprescindível para se estudar e compreender o discurso produzido pela Igreja Católica e sua significância na vida dos fiéis. Hobsbawm (1984) que discute prática, conceito essencial em nossa pesquisa, ao passo que a mesma é grande responsável pela construção do costume. E Thompson (1987) que concebe a questão da experiência e avalia como a mesma é essencial na análise de comportamentos, costumes, maneiras de agir que são ligadas a cultura e relacionadas a instituições e tradições próprias. Os conceitos de ambos, em torno de discurso, prática e experiência servem ao propósito de esclarecer o que nosso estudo busca apresentar em torno das práticas de devoção a Santa Ana em Monsenhor Hipólito.

Cabe ressaltar que esse estudo realizado em torno da cidade de Monsenhor Hipólito e as práticas de devoção de seu povo a Santa Ana partiu de alguns objetivos, o fundamental deles foi analisar as principais características de manifestações de fé e devoção à padroeira Santa Ana na cidade de Monsenhor Hipólito-Piauí, em consonância com estes objetivos encontram-se a problematização das práticas de demonstrações da fé dos devotos hipolitanos e como estas são realizadas; a compreensão do significado dessas práticas na vida das pessoas e apresentação de como essas práticas religiosas são tão intensas até hoje.

Buscamos ainda compreender a relação dos fiéis com a padroeira Santa Ana, destacando que as manifestações religiosas também fazem parte das práticas de sociabilidades e culturas da cidade de Monsenhor Hipólito.

Portanto, para que os objetivos fossem atingidos, traçamos um caminho metodológico com as fontes, as quais problematizamos, para que nossa pesquisa evidenciasse as práticas de devoção do povo de Monsenhor Hipólito a Santa Ana em suas peculiaridades e elucidando suas características. Nesse sentido é importante ressaltar também que um de nossos objetivos nesse trabalho foi identificar que essa prática de devoção a Santa Ana possui significados na vida dos devotos.

Assim, os métodos de pesquisa que foram utilizados nesse trabalho foram a pesquisa documental que inclui os documentos eclesiásticos, tais como folhetos informativos sobre as atividades religiosas da Igreja, imagens e as fontes orais. Essas fontes foram analisadas com o intuito de entender a intensidade e a diversidade dessas práticas devocionais na Comunidade Hipolitana entre os anos de 2000 e 2007, período em que as manifestações religiosas a Santa Ana foram mais intensas ao passo que se preparava para a chegada do Centenário da Padroeira Santa Ana, sendo que este foi comemorado no ano de 2007, pois logo no ano 2000 foram realizados leilões para arrecadar dinheiro para comemoração do centenário, também entre os anos de 2000 a 2007 a imagem da Santa esteve em vários locais da comunidade hipolitana, passando pelas casas dos fiéis. Por isso que os documentos são importantes, porque indicam ao pesquisador sobre um fato ou acontecimento num determinado lugar, num dado espaço de tempo.

As fontes orais expressam a devoção a Santa Ana, como também alguns devotos que fazem parte da comunidade nos fizeram compreender o significado dessas práticas em sua vida e o papel que a Igreja exerce nessa comunidade tão religiosa, que em 2007 comemorou 100 anos da existência dos Festejos da Padroeira Santa Ana. As fontes orais são imprescindíveis para o preenchimento das lacunas deixadas por documentos escritos no processo de reconstrução dos fatos históricos. Nessa perspectiva, três devotas de Santa Ana, Ana Vitória de Jesus, Rita Olindrina de Jesus e Maria Laura de Jesus, participaram de nosso estudo, onde através de entrevista semiestruturada colaboraram imensamente a construção desse estudo.

Para atender o objetivo de mostrar a significância das práticas de devoção a Santa Ana e como as mesmas são intensas até os dias de hoje, assim como comprovar que as manifestações de devoção a Santa fazem parte da cultura e sociabilidade do povo hipolitano, as fontes orais foram indispensáveis, pois os depoimentos de seus devotos mostraram a significância dessa prática religiosa na vida dessas pessoas, assim como foi imprescindível para compreender a relação dos fiéis com sua padroeira.

Seguindo seus objetivos este estudo encontra-se dividido em dois capítulos. O primeiro aborda a construção histórica das práticas de devoção a Santa Ana, apresenta, também, o surgimento da cidade e sua ligação com práticas religiosas,

ao passo que faz ponderações acerca das noções de história e memória, aspectos de religiosidade e considerações em torno do sagrado e do profano.

O segundo capítulo apresenta os discursos da Igreja Católica em consonância com as práticas e manifestações de fé dos devotos de Santa Ana em Monsenhor Hipólito, percebendo como tais discursos acabam por materializar-se nas demonstrações de fé de seus fiéis.

## **1 FILHOS E DEVOTOS DE SANTA ANA: MONSENHOR HIPÓLITO E SUAS “ORIGENS”**

O objetivo da pesquisa consiste na análise das práticas de devoção e fé a Santa Ana realizadas na cidade de Monsenhor Hipólito-PI, no período correspondido entre os anos 2000 e 2007. Para realização da pesquisa conta-se com o relato de experiências de depoentes que vivenciaram este período, fortemente arraigadas a sua fé e a sua devoção. Nessa perspectiva debruçamos nosso olhar sobre considerações acerca da história e memória, haja vista serem as bases que permitiram a construção desse estudo. Julgamos necessário empreender uma discussão que revelasse os principais aspectos dessa relação e que nos possibilitasse a compreensão de sua relevância dentro de nosso estudo. Ressaltamos aqui que para construir nosso estudo apoiamos-nos firmemente na História Oral, a partir dos depoimentos de devotos de Santa Ana. Na construção deste estudo é relevante analisar a construção histórica das práticas de devoção de Santa Ana, apresentar o surgimento da cidade atrelada às práticas religiosas, nesse aspecto também julgamos importante tecer considerações acerca de religião e religiosidade, sagrado e profano em relação à cidade de Monsenhor Hipólito no Piauí.

### **1.1 História e memória**

Quando se trata da relação existente entre memória e história, o historiador francês Jacques Le Goff (2003) torna-se um referencial indispensável, pois o mesmo empreende um estudo onde destaca a relação entre os mencionados termos, para que se possa pensar esta relação. Le Goff (2003) aponta primeiramente o conceito de história fazendo-nos saber que é uma palavra grega, seu significado é investigar, procurar. O historiador também nos traz uma concepção acerca de História, onde afirma que esta não é uma ciência do passado e não deve ser entendida dessa forma, a história é a ciência da mutação e, por conseguinte, da explicação de tal mutação.

Quanto à memória em uma concepção com relação à história, Le Goff (2003) acredita que a mesma adquire poder de promover mudanças ao passo que a mesma constitui-se em uma forma de ação. O autor concebe ainda a memória como



uma fonte de saber que permite ao homem, por meio de um conjunto de funções psíquicas atualizar informações ou impressões que se passaram ou apenas podem ser representadas por ele como passado.

A memória conforme a entende Le Goff (2003) adquire expressão política e cultural, sendo que nesta concepção a cultura dos povos com escrita é notavelmente diferenciada daqueles povos que não a desenvolveram. Cabendo, no entanto, salientar que os povos que não possuíam a escrita encontraram uma forma de preservar suas histórias, sendo que através das narrativas transmitiram suas tradições, seus conhecimentos e história, de geração para geração e o que permite essa transmissão de histórias, de conhecimentos é a memória.

A memória sempre permitiu aqueles que não possuíam escrita guardar a história de seus povos e dessa maneira essas histórias sobreviveram e puderam fugir do esquecimento. A memória ganhou então a conotação de criadora e não só de repetitiva, o seu poder de criação a levou a memória coletiva a ser viva nas sociedades sem escrita.

Mas a escrita surge e com ela o questionamento do lugar da memória em face dessa ascensão. Le Goff (2003) compreende que a escrita mudou a memória, pois a escrita possibilitou que a memória fosse guardada, criou, assim, exercícios de memória, prática utilizada pelos gregos, que apesar de letrados, preocupavam-se em exercitar artificialmente a memorização. Para eles a prática da memória independia da escrita, mas não impedia que exercícios com a memória fossem realizados com base na escrita.

Le Goff (2003) compreende que a ascensão do cristianismo consolidou a importância da memória, pois o cristianismo e seus ensinamentos são formas, do que o autor chamou, de pura memória. O historiador também acredita que o surgimento da imprensa foi um marco decisivo para a memória ocidental, assim como o surgimento do cristianismo. Ele ressalta o grande poder que a mesma possui para guardar as memórias individuais e coletivas, corroborando em seguida que o aparecimento da memória eletrônica foi a maior revolução pela qual a memória poderia passar.

A memória é uma das atividades fundamentais do sujeito, assim como um meio imprescindível para a identidade individual e coletiva e que recentemente sua busca tem sido uma das principais atividades do homem. Percebemos que a memória é de extraordinária importância para o desenvolvimento da história, sendo

que a inexistência da memória impossibilitaria o desenvolvimento do conhecimento, a história se alimenta da memória, por isso é tão grandiosa. (LE GOFF, 2003).

Pollak (1992) realiza uma análise acerca da memória, observando o que alguns autores de renome pensam a respeito da mesma, como Halbwachs (1990) e Nora (1993), que mostram os movimentos, tradições e personagens históricos que fazem sempre lembrar. Aponta, ainda, a tradição metodológica durkheimiana que trata fatos sociais como coisas e que define o que é comum a determinando grupo. A tradição durkheimiana, segundo Pollak (1992), enfatiza a força que a memória coletiva representa que é uma força quase institucional.

A seletividade da memória é mencionada por Pollak (1992) quando da perspectiva de Halbwachs (1990) e da conciliação existente entre a memória coletiva e a memória individual. Nesse contexto entende-se o caráter problemático que a memória coletiva apresenta, partindo da análise de como os fatos se tornam coisas.

Ao pensar ainda a memória em relação à identidade social Michel Pollak (1992, p. 2) caracteriza os elementos que ele considera constitutivos da memória individual ou coletiva:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.

Assim, fazem parte da memória individual ou coletiva, primeiramente os elementos que são vividos pessoalmente e logo depois os que se vivem em coletividade, pois embora a pessoa não o tenha vivido devido à coletividade sente que pertence a este momento. O imaginário faz parte dessa relação de maneira tal que a pessoa nem ao menos consegue saber se viveu determinado momento ou não. Assim Pollak (1992) vê a possibilidade de existência de uma memória herdada advinda de uma socialização histórica ou política que faz com que as pessoas se identifiquem com um determinado passado.

Nessa perspectiva, cabe ressaltar que as práticas religiosas, objeto de nosso estudo, são rituais que permanecem na memória dos indivíduos, que os acompanham ao longo de sua existência, o que veem e vivenciam na Igreja Católica permeiam suas lembranças, assim como imagens que marcam suas vidas e mantêm-se em suas memórias.

Pollak (1992) destaca, ainda, a importância da memória como elemento constituinte e fundador da identidade, compreende que a memória é permeada do sentido não apenas do que ocorreu no passado, mas também daquilo que se vivencia no presente e de seus conflitos.

A identidade segundo Pollak (1992) versa por três elementos primordiais: corpo e território, continuidade temporal e sentimento de coerência. Tais elementos são fatores de equilíbrio que possibilitam o indivíduo se localizar individual ou coletivamente no mundo. A identidade é memória em ato, operando em ligação com o passado, contribuindo para o presente, selecionando o que é memorável e o que não é. A memória é responsável por possibilitar um lugar de pertencimento, um lugar comum, um lugar de identidade que é um lugar cultural, resultante das práticas do indivíduo, de modo que memória, identidade e prática formam uma tríade, levando a necessidade de pertencimento por parte do indivíduo, onde este busca suas raízes e identidade, procurando por uma referência social.

Assim, esperamos ter lançado um olhar sobre a relação história e memória, identidade e prática, que venha a trazer a base para a compreensão do objeto principal de nosso estudo, que são as práticas de devoção religiosa a Santa Ana, realizadas na cidade de Monsenhor Hipólito. Pois compreendemos que a tradição religiosa tem sido passada de geração em geração e os relatos de pessoas que viveram e vivem esta devoção baseados em sua memória constituem-se na fonte principal de nosso estudo.

## **1.2 Monsenhor Hipólito: A terra dos filhos e devotos de Santa Ana**

A antiga Fazenda Riachão deu lugar à cidade de Monsenhor Hipólito, conhecida como Baixios Piauienses. Localizada num grande vale de terras férteis, conta com o riacho cunhado de Riachão que divide a cidade ao meio e que emprestou este título ao primeiro nome da cidade. Vítor Avelino de Sousa Ferreira e

Ana de Jesus Batista<sup>1</sup> foram os fundadores e moradores da Fazenda Riachão que viria a ser o espaço de ocupação da cidade de Monsenhor Hipólito do Piauí.

De acordo com Bezerra (2007) no ano de 1956 a fazenda Riachão foi elevada à categoria de cidade e recebeu então o nome de Monsenhor Hipólito, conforme a Lei nº 1445<sup>2</sup>, o nome recebido adveio de uma homenagem a João Hipólito de Sousa Ferreira,<sup>3</sup> um dos primeiros habitantes da cidade da antiga Riachão e também um dos primeiros padres da Região do Piauí, sendo que o mesmo havia sido ordenado no ano de 1907.

De acordo com dados do IBGE (2014) a Fazenda Riachão foi elevada a categoria de Município e distrito e, como já mencionado, recebeu o nome de Monsenhor Hipólito pela lei estadual nº 1445, de 30-11-1956, que a desmembrou da cidade de Picos que até então era sede da Fazenda Riachão, em 1960 houve uma divisão territorial que foi reafirmada no ano de 2005.

No contexto de fundação e consolidação da cidade de Monsenhor Hipólito cabe ressaltar que:

Na mesma data e que se comemora o centenário dos festejos da Padroeira de Santa Ana, a cidade de Monsenhor Hipólito completa meio século de emancipação política. [...] Situada no semiárido nordestino, *não tem ainda vocação para a indústria*, e nada produz no âmbito do contexto secundário, isto é, bens industrializados e serviços. Ainda sobrevive só com o que recebe do erário. No setor primário, desenvolve a *agricultura de subsistência*, centrada na produção de feijão e mandioca, milho; e nas últimas décadas passou a desenvolver a cultura do caju, bem como já desenvolve uma acentuada vocação para apicultura, com uma considerável produção de mel, produtos nobres. (BEZERRA, 2007)

Assim, apresentando aspectos históricos do processo de ocupação e formação da cidade de Monsenhor Hipólito, Bezerra (2010) nos permite perceber que a devoção a Santa Ana<sup>4</sup> é anterior e concomitante à emancipação da cidade, a sua elevação à categoria de município. Pois ambos os rituais festivos, o religioso e o cívico, possuem estreitos laços.

<sup>1</sup>Ana de Jesus Batista era esposa de Vítor Avelino de Sousa Ferreira e conhecida como Aninha do Juá.

<sup>2</sup>Com o processo de evolução surgiu nos anos 50, um movimento para a emancipação política da Fazenda Riachão. Foi elevada à categoria de cidade com o nome de Monsenhor Hipólito, pela lei n.º 1.445, em 30 de novembro de 1956. Sua instalação oficial ocorreu em 26 de julho de 1957. (IBGE, 2014).

<sup>3</sup> O Padre João Hipólito de Sousa Ferreira era filho do casal fundador da Fazenda Riachão, Ana de Jesus Batista e Vítor Avelino de Sousa Ferreira.

<sup>4</sup>Não existe na história muitas informações a respeito de Santa Ana, porém sabe-se que a mesma era a mãe de Maria de Nazaré e assim avó de Jesus Cristo.

O referido autor faz-nos saber que a cidade não tem vocação para indústria e nem prestação de serviços, é essencialmente agrícola desde sua fundação, e, assim, permanece nos dias atuais. O setor primário, as atividades agrícolas, destaca-se como meio de sobrevivência da maioria de seus habitantes, produz feijão, arroz e atualmente se destaca na produção do caju. Nos dias atuais se destaca principalmente a atividade agrícola e a pecuária nessa região.

No último censo realizado pelo IBGE (2010), a população de Monsenhor Hipólito é de cerca de 7.391 habitantes e possui sua extensão territorial de 401,433km<sup>2</sup>. Considerada uma cidade pouca habitada e pequena comparada à cidade de Picos que conta com 73.414 habitantes e uma área territorial de 534,7 km<sup>2</sup>.

A propagação das praticas da religião Católica fez-se presente em todo o Piauí. Na cidade de Monsenhor Hipólito, tais práticas mostravam-se relevantes, pois funcionavam como fator de união para a comunidade. Em agosto de 1907, o primeiro Bispo do Piauí - Dom Joaquim Antônio de Almeida<sup>5</sup> em viagem da Paróquia de Picos em direção à de PIO IX, realizou expediente religioso no povoado. O Bispo em rápida visita celebrou missa e sacramentos religiosos – como batizados, crismas e casamentos. Foram realizados 84 batizados, 54 crismas, 7 casamentos e 1.161 comunhões.

A presença da autoridade religiosa fez-se através dos pedidos dos moradores ao Conselho Diocesano. A partir de sua presença no povoado assentou-se o plano de construção de uma capela. O local escolhido para a construção, o ponto mais alto do povoado, tinha dupla função: ficava livre das inundações do rio Riachão e poderia ser vista ao longe, tornava a primeira paisagem vista ao chegar à cidade. (BEZERRA, 2007).

Em meados do século XX, o povoado Riachão era uma zona consideravelmente habitada, devido ao rio Riachão e às possibilidades que o mesmo oferecia<sup>6</sup>. A população predominantemente católica desejava a construção de uma capela. Então no ano de 1907, iniciaram-se os serviços de construção. A

---

<sup>5</sup>Dom Joaquim Antônio de Almeida nasceu aos 17 de agosto de 1868, na fazenda Barra de Pajuçara, zona rural do antigo município de Goianinha, Província do Rio Grande do Norte, sendo o sétimo e último filho do casal José Antônio de Almeida e Antônia Maria de Almeida. Sua sagração episcopal ocorreu no dia 4 de fevereiro daquele ano de 1906, na catedral de Nossa Senhora das Neves, em João Pessoa - antiga Cidade da Parahyba do Norte - tendo com sagrante dom Júlio Tontti, Nuncio Apostólico do Brasil, e, como consagrantes, dom Adauto de Miranda Henrique e dom Luís de Brito, este último, bispo de Olinda-PE.

<sup>6</sup>O rio Riachão possibilitava terras férteis para a agricultura e também era de grande relevância para a criação de gado.

frente dos trabalhos estava Joaquim Pereira Bezerra, filho de Ana de Jesus e neto de Aninha de Juá. Segundo os memorialistas, a avó materna teria sugerido para Padroeira da Capela a Nossa Senhora Santa Ana. A escolha seria uma homenagem aos primeiros habitantes deste local que na sua grande maioria descendiam de Ana de Jesus Batista, “Aninha do Juá”.

Conforme Bezerra (2007) em 1907, o desejo da população católica e devotos de Santa Ana veio a ser realizado com a construção de uma capela, possuindo características de uma matriz selada pela inspiração da arquitetura da época que apresentava em suas características um ar monumental sombrio e grandioso, aproximando-se dos estilos românicos e góticos medievais.

A 25 de dezembro de 1907, festa de Natal, o então jovem sacerdote João Hipólito de Sousa Ferreira, ordenado naquele ano, tendo cantado sua primeira missa em Picos, vindo até esta (sua) terra dos seus pais, celebrou santa missa na capela ainda em preto. Foi a primeira missa celebrada na Capela de Senhora Sant’Ana, e em se tratando de uma festa tão significativa para Cristandade, houve um grande ajuntamento de pessoas, vindo de todos os recantos das vizinhanças.

Assim, a primeira missa da Capela Santa Ana foi realizada no final de 1907 por um sacerdote jovem e nascido no povoado, motivo de admiração pelos devotos. Segundo os memorialistas foi uma festa significativa com grande número de pessoas. Interessante perceber que a elevação do Riachão à categoria de cidade, em 26 de julho 1957, realizou-se no mesmo período da festa da Padroeira. Estabelecendo assim, a relação direta e concomitante entre os dois eventos. Também data desse período, a reforma da Capela de Nossa Senhora Santa Ana. Passaram-se os anos. Em 1976, a capela foi demolida e ergue-se no mesmo local a atual Igreja de Santa Ana.

A imagem de Nossa Senhora Santa Ana - de suma importância para a religião do povo da Antiga Fazenda Riachão - foi confeccionada pelo artista Vicente Dias no Crato – Ce. A imagem chegou ao povoado de Riachão danificada pela viagem, o que não impediu de receber a benção litúrgica juntamente com a capela no dia 4 de outubro de 1908. Dois anos depois, o mesmo artista veio até Riachão para fazer alguns retoques necessários na imagem da Santa padroeira da cidade de Monsenhor Hipólito.

Nesse sentido a imagem da Santa constituir-se como símbolo religioso da comunidade do Riachão. De acordo com a concepção de Mircea Eliade (1996)

acerca de símbolos religiosos, podemos notar que esses símbolos exercem uma função unificadora, não só de experiência religiosa do homem, mas mesmo para a sua experiência.

É preciso observar que a Igreja Católica com a imagem de seus santos, seus símbolos religiosos, torna-se um templo e vai muito além do que apenas um prédio, constitui-se em patrimônio, edifica-se como lugar social de práticas religiosas e, assim, é lócus de cultura material. Nora (1993) concebe estes espaços como lugares de memória, onde está se cristaliza e se refugia, lugares que se tornam patrimônio de memória e história, constituem-se em espaços de continuidade. Estes lugares nascem e vivem através do sentimento que não há memória espontânea, sendo necessário criar locais de arquivos, datas de comemorações, organização de celebrações, pois sem esse tipo de vigilância a memória acabaria por varrer-se, desse modo, a Igreja vem a ser um patrimônio que guarda memória e espaço para transmitir a mesma, é, pois, lugar de memória.

Nessa concepção é preciso atentar para a importância que a Igreja Católica tem para grande parte da população, que segue seus dogmas e vivencia este lugar como espaço de memória. Alerta Andrade (2009) que a população brasileira possui uma conduta religiosa notória, ou seja, compreende-se que o brasileiro é marcadamente religioso, e essa sua religiosidade acaba por interferir na sua conduta cotidiana, bem como na forma do mesmo se expressar. Assim, ao longo do tempo, o brasileiro tem manifestado sua religião de várias maneiras, com várias expressões de maneira tal que suas condutas e crenças religiosas são componentes fundamentais da cultura brasileira.

Dentro da percepção da religiosidade do povo brasileiro percebemos que os moradores da pequena cidade de Monsenhor Hipólito eram fortemente religiosos, predominantemente pelas práticas religiosas do catolicismo e devoção a Santa Ana. Percebemos que a imagem da santa gerou admiração e fomentou, ainda mais, a prática religiosa católica na cidade. Pois após a sua chegada iniciou-se as festividades religiosa. E em meio às mesmas, as visitas pastorais que sempre aconteciam nas comunidades circunvizinhas. Em 1907, a população de Picos cidade a qual o povoado Riachão estava agregado, já que o Piauí nesse período contava

apenas com 34 municípios, era de 14.770 habitantes de acordo com o recenseamento de 31 de Dezembro de 1900<sup>7</sup>.

### **1.3 A relação entre religião e religiosidade: uma abordagem entre o sagrado e o profano**

Após buscarmos compreender as práticas religiosas dos moradores da cidade de Monsenhor Hipólito, pautada na devoção a Santa Ana, e que se fez presente desde os primórdios desta cidade, iniciada a partir de uma fazenda e que introduziu marcas profundas nesse povo. Faz-se necessário, então, tecer algumas considerações acerca de religião e religiosidade, sagrado e profano.

Dentro desse aspecto Eliade (1996) destaca que a religião é uma prática humana e como tal também se constitui em algo social, linguístico e econômico, sendo que em sua concepção não existe a possibilidade de se conceber o homem fora da linguagem e da vida coletiva e compreender a religião além desses aspectos que definem o homem é impossível. Pensando a religião em relação ao sagrado, Eliade (1996) expõe seu pensamento e interpreta que o sagrado é justamente aquilo que se opõe ao profano e é justamente nesse ponto que encontra-se o maior obstáculo em relação a determinação entre o que é sagrado, pois não existe nenhuma fórmula cunhada para determinar o que é e o que não é profano.

Discutir a relação entre sagrado e profano em uma cidade do Piauí não é tarefa fácil, haja vista a complexidade religiosa que se faz presente em nosso país. Ao longo do tempo a religião católica se estabeleceu nessas terras e arraigou cada vez mais adeptos, porém os últimos tempos mostram uma redução no número de seguidores do catolicismo e destacam o crescimento de outras religiões dentro de nosso país. Nesse contexto Brandim (2007) destaca que o Brasil é um país predominantemente católico, onde a maioria desses adeptos encontra-se no Nordeste e, sobretudo, no Piauí, porém conforme o autor o catolicismo vem tendo uma redução crescente no número de adeptos, sendo que muitas pessoas têm migrado para outras religiões conhecidas como neopentecostais<sup>8</sup>, afro ou de origem oriental.

---

<sup>7</sup><http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222260> 1907

<sup>8</sup>Movimento dissidente do evangelicalismo que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, metodistas, entre



Para Brandim (2007) a redução no número de católicos no Brasil afetou o Piauí, mesmo em face do mesmo ser o Estado brasileiro com maior número de católicos, algo em torno de 89% da população, mas o essencial em se notar quanto a religião no Piauí é o fato de que:

Mesmo com essa diminuição quantitativa permaneceram marcantes as práticas religiosas, como as romarias, festas de padroeiros (a), promessas, novenas ou outras manifestações devocionais da população católica piauiense. Dentro desse quadro de religiosidade, as manifestações de fé se apresentam diversificadas, sendo que as festas de padroeiros ou padroeiras marcam significativamente o calendário festivo e litúrgico das cidades piauienses. Dessa forma, as romarias, oferendas de ex-votos, pagamento de promessas, novenas e etc., tornam-se práticas recorrentes na demonstração de religiosidade do povo.

Assim, percebe-se que apesar de ter ocorrido nos últimos anos uma diminuição no número de católicos no Piauí, as práticas que demonstram a religiosidade de seu povo como romarias, festas de padroeiros, além do cumprimento de promessas, a realização de novenas, entre outros são ainda práticas significativas na região, onde aqui podemos mencionar o exemplo das festas a Santa Ana em Monsenhor Hipólito no Piauí, que são marcantes para a população e que sendo uma prática antiga continua a atrair muitos seguidores que através das festividades à Santa mostram sua devoção.

As festividades de padroeiros<sup>9</sup> e padroeiras marcam significativamente a religiosidade das cidades piauienses, as manifestações de fé no Piauí são bastante diversificadas, mas certamente o que marca o calendário litúrgico do homem do Piauí são as festas aos santos que apadrinham suas igrejas, algumas festividades religiosas que ocorrem nas cidades próximas a Monsenhor Hipólito, são as novenas de São Francisco, em Picos e as novenas a Nossa Senhora da Conceição, em Bocaina. Nesse contexto as práticas de romaria, pagamento de promessas, novenas, entre outros, são demonstrações constantes de religiosidade do povo piauiense.

Marcadamente religioso o povo de Monsenhor Hipólito devotos de Nossa Senhora Santa Ana empreendem à mesma manifestações de fé e devoções. Os devotos de Santa Ana realizam promessas, procissões, novenas, festividades e outras práticas religiosas. Essas manifestações em torno da padroeira da cidade

---

outras). No Brasil, a maior e mais representativa igreja dessa corrente é a Igreja Universal do Reino de Deus, seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus.

<sup>9</sup>Santo ou anjo a quem é dedicada uma localidade, povoado ou templo.

acontecem com mais intensidade no período que é comemorado os festejos de Santa Ana, de 17 a 26 de julho. Durante esse período a cidade de Monsenhor Hipólito recebe muitos visitantes que vêm para participar dos festejos.

Essas festas de acordo com Brandim (2007) fazem parte da estrutura social e cultural brasileira e em Monsenhor Hipólito no mês de julho é através desses eventos festivos que podemos perceber o quanto os devotos fazem deste um momento de participação social, pois buscam a relação com o outro.

Partindo desse pressuposto pode-se entender também que essas manifestações de fé a Nossa Senhora Santa Ana na cidade de Monsenhor Hipólito estão diretamente relacionadas com as práticas de sociabilidade, pois os festejos da padroeira mobilizam toda a comunidade hipolitana e com isso há uma ligação interativa entre as pessoas que residem no município.

Roger Chartier (1990) traz os conceitos de representação e apropriação. O conceito de representação nos serve ao percebermos a associação que os fiéis e os devotos fazem de Santa Ana, como sendo esta a avó de Jesus. É através dessa representatividade que vão surgir às manifestações em torno da figura de Santa Ana. Como a adoração, veneração, procissão, pedidos, agradecimentos, todos estes atos de fé religiosa se constituem como representações que segundo Geertz (1989), abrangem um sistema de símbolos que atuam para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções como tal aura de faturalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Para Brandim (2007) ao se pensar em religião e religiosidade dentro do Brasil e no Estado do Piauí é preciso apontar para o sincretismo religioso que se caracteriza pela busca espiritual, pela relação com o divino, mas também com meios e instrumentos que permitem ao crente prosseguir com sua fé, nesse sentido a crença e a conseqüente utilização de amuletos, objetos sagrados caracterizam-se como instrumentos de fé.

De acordo com Lima (2009):

Percebemos que a religiosidade católica é motivada pelos símbolos religiosos, sentimento de proteção e intermediação com o sobrenatural. A crença é marcada pela realidade vivida, pela afetividade e pelas emoções que motivam o homem a estabelecer relações de religar com o divino comportamentos e atitudes, o que leva a acreditar em algo supremo. O

santuário, lugar de referência de manifestação do sagrado, possibilita a experiência de busca e encontro com o sobrenatural. No Piauí, a religiosidade popular é também percebida através da quantidade e variedade de santuários, lugares de expressão de fé onde os devotos cultuam santos canonicamente reconhecidos pela Igreja Católica e as almas.

Os símbolos religiosos<sup>10</sup> marcam a religião Católica na qual está inserido nosso objeto de estudo, a devoção a Santa Ana, os símbolos religiosos conotam a proteção e o intermédio com o sobrenatural, o homem busca estabelecer relações com o divino, possui um santuário, lugar onde o sagrado se manifesta e possibilita a busca pelo encontro com o sobrenatural, em se tratando do Piauí é possível ressaltar que no mesmo se destaca uma grande quantidade e também variedades de santuários, estes são lugares onde o homem pode expressar sua fé e os devotos podem cultuar seus santos que são reconhecidos e canonizados pela Igreja Católica, podemos assim perceber a Igreja de Santa Ana em Monsenhor Hipólito como santuário aos devotos da avó de Jesus Cristo, lugar frequentado por inúmeras pessoas, sobretudo, em seus festejos, que ocorrem em julho.

Assim não podemos deixar de nos remeter a relação sagrado e profano, onde Brandim (2007) compreende que o sagrado se faz presente na vida de cada um, é a oração que se faz pela manhã, é a benção que se recebe do pai e da mãe, é o escapulário que se coloca no pescoço acreditando que o mesmo vai lhe proteger, é o santuário e a crença em um santo. O sagrado é representado pela relação de respeito, na qual as pessoas jamais pensam em quebrá-la, o respeito é essencial, o sagrado é a fé que move as pessoas.

Dessa maneira, Eliade (1996) aponta o sagrado e o profano como duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais que o homem assume no decorrer de sua história, de modo que o que é sagrado e o que é profano depende das diferentes posições que o homem assumiu no mundo.

Podemos compreender a Igreja de Santa Ana em Monsenhor Hipólito como um lugar sagrado, onde o homem expressa sua fé, notadamente o espaço que a cerca é o profano, tendo em vista que o sagrado é um lugar privilegiado para o encontro com o divino, este é uma estrutura essencial para a religião, o profano são os espaços, os gestos, as pessoas que circundam o espaço sagrado. Desse modo nos limites desse trabalho interessa-nos, sobretudo, a devoção a Santa Ana por

---

<sup>10</sup>Representam o sagrado, a fé, a esperança, a natureza, o universo, são tradicionais e presentes em todas as religiões.

parte do povo hipolitano, propondo-nos observar os festejos dessa Santa que expressam a grande devoção do povo de Monsenhor Hipólito e nos remetem a aspectos de religião e religiosidade, sagrado e profano, até aqui abordados.

## **2 MANIFESTAÇÕES DE DEVOÇÃO A SANTA ANA EM MONSENHOR HIPÓLITO: Os discursos da Igreja e sua materialização nas Práticas dos fiéis**

Este capítulo intenciona abordar os discursos da Igreja Católica em relação à fé e devoção do povo de Monsenhor Hipólito a Santa Ana, manifestações amplamente observadas nos festejos da padroeira. Buscamos entender os discursos presentes nas festividades da Igreja Católica e perceber como tais discursos acabam por materializar-se nas demonstrações de fé de seus fiéis, nos quais podem ser observadas em seu pronunciamento a respeito das práticas religiosas e das justificativas de sua fé.

Os discursos empreendidos pela Igreja Católica tomam corpo a partir do momento em que passam a ser reconhecidos e percebidos pelas pessoas e deixam então de ser discursos e transformam-se em práticas vivenciadas na realidade daqueles que as vivenciam.

Nessa perspectiva em que se trata dos discursos utilizados pela Igreja Católica, é preciso atentar que esta se constitui em um grupo social específico que possui regras próprias, as quais precisam ser validadas. Nesse sentido discursos encontram-se presentes nesta instituição, a fim de validarem suas regras e exercerem poder sobre a sociedade.

Na compreensão de Foucault (1996, p.46) o discurso vem a ser uma rede de signos conectados a outras redes e outros tantos discursos. É um sistema que o autor concebe como semiaberto e que realiza as funções de registrar e reproduzir valores da sociedade no qual o mesmo se estabelece com a intenção de que os mesmos perpetuem-se.

Cabe observar, que no que se refere à prática salienta Hobsbawm (1984, p.11) que esta ao ser repetida por diversas vezes acaba por se tornar conveniente, ao passo que também adquire maior eficiência, vem a gerar convenções, rotinas, as mesmas acabam por se formalizar em direito ou fato, facilitando a transmissão do costume.

Pensar a experiência nessa conjuntura, em que aborda a Igreja Católica, mais especificamente a fé e devoção a Santa Ana é de suma relevância para compreender a devoção, conseqüente aceitação e concretização dos discursos da Igreja. Desse modo Thompson (1987, p.367) concebe que a experiência serve para analisar comportamentos, costumes, maneiras de agir, que são arraigadas à cultura,

envoltas em tradições, sistemas de valores, ideias, formas institucionais, a experiência é tratada, pois, em termos de cultura, estando relacionada a instituições e tradições próprias, liga-se a um determinado grupo social e acaba por criar uma consciência social. Segundo Thompson (1987, p.367) a experiência é determinada pelas relações de produção em que os homens nasceram.

Nesse contexto em que se aborda a devoção do povo hipolitano a Santa Ana, percebe-se que prática e experiência interligam-se à questão dos discursos produzidos pela Igreja Católica, a fim de permitir uma aproximação de seus fiéis com o objeto o qual se dirige o foco. Acreditamos que as entrevistas concedidas pelos fiéis devotos a Santa Ana em Monsenhor Hipólito que vivenciam os festejos a essa padroeira e acabam por encontrar nos discursos da Igreja forte justificativa para sua fé, bem como respostas para suas inquietações, sendo que constantemente, sobretudo na época dos festejos a Igreja reforça seus discursos enaltecendo a figura de Santa Ana, seus feitos e justificativas para a crença da população na mesma, além de preceitos de uma vida em devoção que dirigem as ações e condutas e dos fiéis.

## **2.1 Os discursos da Igreja e a devoção a Santa Ana: a prática e concepção dos fiéis emaranhadas ao discurso da Igreja Católica**

A palavra é de grande significância em todos os contextos sociais, a mesma une sujeito, contexto e ideologia, pode ser compreendida como um signo social, entendida como um instrumento da consciência, carregada de ato ideológico. A palavra está inserida em todos os atos que versam compreensão, em todos os atos que se dispõem a interpretar, não há dúvidas quanto à preponderância da palavra na construção das relações sociais. O que se pronuncia é de grande importância para registrar as mudanças e transições sociais, não obstante a Igreja Católica concebe a importância da palavra e seus discursos aproveitam todas as possibilidades que a comunicação lhe apresenta.

A importância do discurso é tamanha que Foucault (1996, p.9) afirma que existe algum perigo em proferir palavras, insinua que existe algo bastante perigoso no fato de as pessoas proferirem seus discursos, ao passo que questiona esse perigo e já concebe que todo discurso produzido é controlado, selecionado e organizado, pois o discurso precisa ser organizado de modo que seus argumentos

sejam redistribuídos, onde os poderes e os perigos que estão contidos no discurso são conjurados.

Segundo Gallo (2011, p.2) o discurso é uma prática que vem a interferir na realidade, uma prática que produz sentidos, palavras juntamente com acontecimentos e objetos tornam-se significantes por meio da língua, da construção do discurso.

Certamente ao longo da história brasileira foi preciso encontrar formas de dominação do povo que aqui vivia, considerando o longo período de dominação portuguesa sobre as terras brasileiras, de modo que Silva (2001, p.314) concebe que enquanto Colônia de Portugal as manifestações religiosas e festivas eram utilizadas no controle social, sendo esta prática uma tradição das sociedades. Nas quais os discursos a serem proferidos nesses acontecimentos talhavam-se no sentido de fazer com que suas intenções fossem aceitas e materializadas pela população.

Assim, foi necessário fundar instituições no Brasil, que garantissem o controle das camadas sociais que aqui viviam como primeiramente os indígenas, que foram subjugados, os negros, que para cá foram trazidos e escravizados posteriormente, bem como os homens brancos, onde não se pode negar que o fator religião configurava-se como de suma relevância nesse controle. Tanto que, conforme expressa Bezerra (2007, p.65) logo na chegada dos portugueses ao Brasil, a bênção da Santa Cruz já foi proferida, missionários aportaram com Cabral, vieram no navio Santa Maria, nome que já demonstra religiosidade e devoção, os missionários vinham nesta embarcação, para que quando necessário realizassem sacramentos, catequese e convertessem pagãos.

Ainda segundo Bezerra (2007. P. 66) sem que a população indígena existente no Brasil nada entendesse dos discursos que a Igreja Católica proferia, foi realizada a primeira missa neste solo tão logo quanto Cabral aqui aportou, diante de olhos atônitos uma grande cruz foi fixada nas novas terras e Frei Coimbra logo celebrou uma missa tal qual se fazia em solo europeu.

Quanto ao Piauí, Bezerra (2007, p.68) comenta que este foi fundado no século XVII, dois séculos após a chegada dos colonizadores europeus em terras brasileiras. A história da Igreja Católica no Piauí nasce quando o mesmo, ainda, era

Vila de Oeiras<sup>11</sup>, sua primeira Igreja foi a de Nossa Senhora da Vitória, que era ligada ao Bispado de Pernambuco, assim como a sua Capitania. O Piauí teve seu primeiro Bispo apenas no século XIX, Dom Joaquim Antônio Almeida, nomeado pelo Papa Leão XIII. No que se refere especificamente a Monsenhor Hipólito relembra-se que a cidade era a Antiga Riachão, teve a Igreja de Santa Ana fundada no ano de 1908 atendendo ao grande clamor da população, que imbuídos na crença católica desejavam para si um local para manifestarem sua devoção à mãe de Jesus Cristo. A construção da Igreja de Santa Ana deixou no povo hipolitano um sentimento de gratidão, pois era um local de manifestação de sua fé e de escutar aquilo que deveria guiar sua conduta.

No tocante aos discursos produzidos pela Igreja Católica, as regras de conduta que esta determina, como o seguimento dos mandamentos e sacramentos, o incentivo ao pagamento do dízimo e a participação da família nas práticas religiosas costumeiras da Igreja e não só nas festividades, pode-se conceber ao passo que se analisa o que proferem seus fiéis que estes acabam por modelar e dar sentido ao seu comportamento, onde podemos observar na fala de Ana Vitória de Jesus (2015) devota de Santa Ana que desde criança foi presente na Igreja acompanhando sua família, foi moldando sua devoção, acreditando com base nos discursos da Igreja que teria seus pedidos alcançados quando os direcionasse a Santa Ana, assim ela comenta o início de sua prática religiosa e o que os discursos da Igreja representam em sua vida:

Representa muita coisa, eu sou devota dela desde criança. Frequento a igreja desde criança, quando comecei entender de gente, comecei frequentar com minha mãe. Quando não podia ir com minha mãe, ia com tia, mas nunca deixei de ir. Santa Ana representa muita coisa, sempre gosto de fazer meus pedidos e sou alcançada. (ANA VITÓRIA DE JESUS, 2015).

Jesus (2015) afirma que as orientações que a Igreja Católica recomenda aos fiéis possuem muita relevância em sua vida, sua devoção a Santa Ana começou desde pequena quando seguia com sua mãe para a Igreja. Aos poucos passou a ir até mesmo sozinha, cada dia frequentava mais a Igreja, Santa Ana tornou-se de grande significância em sua vida e acredita que sempre que dirige suas preces à Santa é atendida.

---

<sup>11</sup>Independência política do Piauí ocorreu em 1811.



Outra entrevistada Rita Olindrina de Jesus<sup>12</sup> (2015) também apregoa que sua religiosidade começou a se expressar desde criança quando acompanhava a família aos festejos de Santa Ana, onde a mesma também afirma serem as orientações proferidas nos discursos da Igreja Católica de suma relevância no comportamento que empreende em sua vida, Rita Olindrina de Jesus (2015) comenta:

Eu comecei a participar dos festejos bem pequenininha, num sei nem se eu tinha 5 anos de idade ainda, era muita pequena. Minha mãe levava eu pros festejos pra novena, pros leilão de Santa Ana. Ela toda vida foi da igreja, sempre me levou. Desde criança eu acompanhei minha mãe. Participo de todas as missas. Subo o morro da cruz pra celebrar a missa lá. A gente vai na semana santa também, pra mode fazer a celebração da confissão, se confessar, e também nos festejos. Durante os festejos sempre vou aos ofícios saio daqui às 4 da manhã, começa dia 17 a 26 de manhã.

Nessa fala, assim como na da entrevistada anteriormente percebe-se que a prática religiosa é incentivada pelos pais que sempre levam seus filhos aos festejos religiosos. Participar da vida religiosa da comunidade, dos festejos que a Igreja Católica promove para seus padroeiros é uma prática que se inicia na fase criança, onde os pais repassam suas tradições para seus filhos. A religiosidade e assimilação dos discursos da Igreja começam a acontecer, sendo talhados ainda na primeira fase de vida dos indivíduos, é isso que nos mostra a entrevista de Rita Olindrina de Jesus (2015), que ainda criança já participava com sua mãe dos festejos da Igreja de Santa Ana, acompanhando a mãe participava também de missas comuns e, assim, ia vivenciando a religião, acolhendo os discursos da Igreja e tecendo sua religiosidade.

Podemos entender que na cidade de Monsenhor Hipólito em relação à religiosidade e à maneira como esta é repassada tradicionalmente interliga-se com uma questão de gênero<sup>13</sup>, onde o convívio entre mulheres da mesma família, mães, filhas, tias acaba por determinar os moldes das mulheres da família, onde é repassado o costume das mais velhas para as mais jovens. Assim a religiosidade e a devoção a Santa Ana costuma ser uma tradição difundida entre as mulheres de uma família, onde o convívio entre as mesmas perpassa pelo conversar sobre

---

<sup>12</sup>Nossas entrevistadas Rita Olindrina de Jesus e Laura Maria de Jesus e Ana Vitória de Jesus moram em Monsenhor Hipólito, no Bairro Trizidela, apesar da proximidade e do sobrenome em comum, ambas não são parentes.

<sup>13</sup>Compreende-se por gênero uma categoria útil a história de maneira geral, de modo que não se refere apenas à mulher, gênero é um conceito que se opõe ao determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando aos mesmos caráter social. (SCOTT, JOAN, 1995).

religião, por vivenciar a religião e participarem juntas dos encontros de fé promovidos pela Igreja dentro desta.

A prática da confissão citada por Rita de Jesus é arraigada fortemente aos discursos da Igreja, que incentiva ao fiel a levar uma vida regrada seguindo seus preceitos, baseada nos mandamentos da Igreja. O fato dos fiéis praticarem a confissão mostra que os discursos da Igreja Católica a respeito do que é certo ou errado são assimilados por seus seguidores, de modo que ao fazerem algo que consideram errado, conforme os ensinamentos da Igreja Católica, se confessam com o padre a fim de obter perdão para seus desvios e uma punição para os mesmos.

Temos conhecimento de que a confissão é um sacramento da Igreja Católica muito valioso para seus fiéis e respeitado por representar a reconciliação com Deus, por meio de a mesma ser reconhecida a remissão dos pecados. A confissão é uma prática da Igreja Católica muito citada em seus discursos, quando sempre se relembra nos sermões dos padres o pecado como uma ofensa que pode ser redimido por meio da confissão, é o sacramento do perdão, lembrado pela Igreja Católica como a concessão de Deus do perdão e da paz para o pecador<sup>14</sup>. A confissão e sua importância também são captadas pelos fiéis desde sua infância.

Através das memórias dos grupos sociais da comunidade de Monsenhor Hipólito, percebem-se motivos os quais levam as pessoas a ter tanta fé e devoção a Nossa Senhora Santa Ana, ou seja, é uma tradição religiosa que passa de pai para filho. Vimos no relato das entrevistadas que desde criança a mãe levava a filha para as novenas de Santa Ana e que até hoje ela preserva essa tradição deixada por sua mãe.

Tal concepção pode também ser percebida nos relatos de Laura Maria de Jesus (2015):

Comecei a frequentar os festejos de Santa Ana, com 7 anos, minha mãe já me levava pra igreja, pra rezar , fazer a 1ª comunhão , confessar no morro da cruz, na primeira cruz que botou eu me confessei no morro da cruz, foi por volta dos anos 60. Me confessei com os primeiros padres, Frei Conrado. Confessei toda de branco, de véu e grinalda mesmo como um a noiva.

Assim, como a fala de Ana Vitória de Jesus e Rita Olindrina de Jesus, Laura Maria de Jesus mostra que a prática religiosa começou na infância quando

---

<sup>14</sup>Fonte: [http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p2s2cap1\\_1420-1532\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p2s2cap1_1420-1532_po.html).

acompanhava a mãe aos festejos e demais práticas da Igreja, a mesma cita o fato de ter se confessado vestida de branco, usando véu e grinalda um ritual que representa a purificação que é alcançada com o ato da confissão, o véu e a grinalda acompanham o vestido branco remetem a esperança de um tempo novo, renovação, algo que remete ao seguimento do discurso da Igreja Católica, onde a mesma determina as condutas certas e errôneas e incentiva os fiéis a confessarem seus pecados a fim de serem absolvidos dos mesmos.

É válido aqui ressaltar a importância que o discurso possui e que a Igreja Católica tão bem sabe utilizá-lo, como se pode perceber no ato da confissão que relata a entrevistada Laura Maria de Jesus, permeada pelo discurso do perdão e da salvação.

Foucault (1996, p. 46) afirma que o discurso constitui-se em muito mais do que palavras ordenadas. Ele constitui-se em objeto de poder, dominação. Desse modo, o discurso alcança seu objetivo ao se concretizar nas práticas daqueles que o acolhem em uma específica instituição.

Direcionando nosso olhar propriamente para o que foi dito no relato de Laura Maria de Jesus e o que esta guarda em sua memória percebemos que a confissão ligada ao fato do uso do véu pode ser aqui entendida em relação à representação e símbolos. Pesavento (2008) afirma que a representação ocupa o lugar de uma ausência, pois apresenta um novo, tornando a mesma em uma sensível presença. Podemos perceber a representação de Santa Ana no uso do véu por meio da fala da depoente, pois o véu representa a pureza e santidade, a ausência física da Santa é preenchida por símbolos de sua santidade que remetem a pensar sua presença, os símbolos apresentam o sagrado, representam o espiritual, assim os fiéis devotos de Santa Ana utilizam-se de símbolos do sagrado na representação de sua fé à Santa.

Chartier (1990) acredita que a representação faz com que o social só tenha sentido nas práticas culturais, sendo que classes e grupos só adquirem alguma identidade nas configurações que constroem, assim como, nos símbolos de uma realidade contraditória.

Dentro dessa perspectiva de representação compreendemos que Santa Ana é concebida por seus fiéis como uma santa milagrosa, a mãe dos hipolitanos e a avó de Jesus Cristo. Os fiéis relatam que todos os pedidos intercedidos pela santa já foram alcançados, por isso que Santa Ana tem uma grande representatividade na

vida dessas pessoas. E que o momento das novenas é uma forma de agradecer pela graça alcançada.

A fala de Rita Olindrina de Jesus (2015) mostra essa crença nos milagres de Santa Ana:

Pra mim ela é uma santa muito milagrosa, o que peço de melhor a ela, já alcancei. Faço pedido a ela e fui atendida, as vezes que pedi. Faço os pedidos que vejo que é de maior importância. Se eu for lá na igreja eu peço e sou atendida, num é só nos festejos não. Eu vou mais é pra missa assim. Aí vou aos pés dela, aí peço o que vejo que é melhor pra mim, ela tem.

A crença em Santa Ana é fortalecida nos discursos da Igreja, onde se reforça a sua capacidade milagrosa, os fiéis acreditam que ao pedirem a Santa Ana são atendidos e que isso não ocorre somente na época dos festejos, mas também em dias comuns, nas missas a fé dos fiéis é sempre manifestada, assim como a veneração a sua imagem. A fala de Rita Olindrina de Jesus também direciona ao fato de que nos períodos festivos as pessoas tendem a dar mais sinais de sua devoção, ou seja, muitas pessoas só expressam sinais de devoção quando ocorrem festejos para um determinado santo, como ocorre na cidade de Monsenhor Hipólito para Santa Ana, assim muitas pessoas que não costumam ir a Igreja, sempre comparecem as festividades, assim como muitas pessoas vêm de outras cidades para Monsenhor durante os festejos participarem do louvor e glória a Santa Ana.

*Igreja de Santa Ana, Monsenhor Hipólito-PI, nos festejos à padroeira em 2012*



*Fonte: domínio público*

Na imagem acima podemos perceber como a Igreja Católica prepara-se para os festejos de Santa Ana, como vivencia esse momento. O elemento mais marcante que podemos observar na foto é a imagem de Santa Ana, sua representação marca definitivamente a quem se deve os festejos, assim como aparece na imagem a população que se direciona a Igreja para louvar e venerar Santa Ana, ela está por todos os lados, cercando a Igreja para demonstrar sua fé na Santa. Os dizeres “Salve Santa Ana” também aparecem na foto, uma saudação e lembrança de que a Santa deve ser reconhecida e referenciada. A Igreja encontra-se em festa e iluminada, a luz é símbolo de paz, de esperança e de comunhão, além de outros tantos significados que se associam a mesma, que remetem sempre a ideia de coisas boas e que elevam o espírito. As bandeirinhas de várias cores remetem a festa e alegria da Igreja em festejar Santa Ana. Cabe ressaltar que a imagem apresentada pertence ao ano de 2012 e, portanto, fora de nosso recorte temporal, todavia foi escolhida pelo fato de apresentar em toda sua grandeza os elementos mais marcantes dos festejos de Santa Ana.

Cabe lembrar que os festejos de Monsenhor Hipólito mobilizam as cidades circunvizinhas, partindo desse pressuposto pode-se entender também que essas manifestações de fé a Nossa Senhora Santa Ana na cidade de Monsenhor Hipólito estão diretamente relacionadas com as práticas de sociabilidade, pois os festejos da padroeira mobilizam toda a comunidade hipolitana e com isso há uma ligação interativa entre as pessoas que residem no município e nas cidades circunvizinhas.

Conforme Maciel (2014) é necessário entender o que a Igreja discursa e a forma como esses discursos são vivenciados pela população. Neste caso pode-se observar que o discurso produzido na empreitada de devoção a Santa Ana em Monsenhor Hipólito tem sido amplamente atendido pela população, principalmente pelos mais velhos. Nesse sentido devemos perceber que as pessoas mais jovens, ou seja, os adolescentes e adultos, geralmente filhos e filhas de pessoas consideradas idosas e devotas de Santa Ana apresentam maneiras diferentes de devoção das pessoas velhas, é uma questão de geração, aonde os costumes vão mudando com o passar do tempo e as pessoas acabam deixando para traz algumas tradições que fizeram parte da vida de seus antepassados. Isso pode ser exemplificado pelo fato de poucos jovens participarem das confissões hoje em dia, e de que quando confessarem não vestirem-se de maneira diferenciada para isso, como, por exemplo, de roupa branca e véu, como é mencionado por Laura Maria de

Jesus, que deu seu depoimento a este estudo. Como também percebemos no comportamento dos jovens que sua devoção é menos religiosa, já que aproveitam o período dos festejos para se reunirem com pessoas de sua idade, conversarem e divertirem-se.

Em relação à maneira como os jovens na atualidade praticam a religião e participam dos festejos em devoção a Santa Ana é diferenciada das pessoas idosas, que cresceram mais arraigados a fé e que vivenciaram outros tempos, sem tantas inquietações e possibilidades que hoje se apresentam para a juventude, eram mais ligados à religião do que os jovens da atualidade.

Desse modo, o que podemos compreender em face ao que foi debatido acerca dos discursos produzidos pela Igreja e como os fiéis devotos de Santa Ana os recebem, percebem e vivenciam, assim como podemos perceber a representação de Santa Ana configurando-se em presentificação de ausência, sendo que as demonstrações de fé de seus devotos, suas práticas para demonstrarem sua fé, bem como significados das mesmas são objetos deste estudo, de modo que a seguir buscamos problematizar as práticas de demonstrações da fé dos devotos hipolitanos e como estas são realizadas, bem como compreender o significado dessas práticas na vida das pessoas. Onde é preciso também destacar que as manifestações religiosas também fazem parte das práticas de sociabilidades e culturais da cidade de Monsenhor Hipólito.

## **2.2 Práticas de fé e devoção a Santa Ana nos de 2000-2007 na cidade de Monsenhor Hipólito-PI**

O espaço de tempo entre 2000 e 2007 foi o período de maior esplendor de fé dos devotos de Santa Ana. Pois em 2007, foi comemorado o Centenário da Padroeira nesta cidade, com muita festividade em homenagem aos cem anos da chegada da santa à cidade. De acordo com os depoimentos esse foi o momento em que houve uma maior participação da comunidade hipolitana.

Foram muitos anos de preparação para que houvesse a comemoração do centenário. Toda a comunidade Católica hipolitana se mobilizou, foram feitos leilões, bingos, rifas, entre outros, para arrecadar fundos para aquele evento religioso. Em 2007, foram realizados muitos casamentos e batizados, pois os devotos acreditavam que fosse o melhor momento para realizar tais sacramentos. Pessoas de outras

idades vieram prestigiar os festejos, outras vieram agradecer pela cura de enfermidades. É costume as pessoas assistirem as missas descalças e de joelho como forma de agradecimento pela graça alcançada.

Todas essas práticas demonstram que a devoção a Santa Ana sobrevive ao passar do tempo e é reforçada pela Igreja no embasamento de seus discursos, bem como pela representação de Santa Ana, que sempre busca mostrar a presença da Santa, reforçando seus milagres, sua santidade e, assim, ajudando a fomentar a crença do fiel.

Desde os primórdios, como afirma Brandim (2007), o Brasil foi um país onde o catolicismo predominou fortemente. Mesmo após essa diminuição com o surgimento da religião protestante ainda permanecem marcantes práticas religiosas como romarias festas de padroeiros (as), promessas, novenas, ou outras manifestações devocionais da população católica piauiense; pois o maior número de católicos do Brasil estava no Piauí. Dentro desse quadro de religiosidade as manifestações de fé se apresentam diversificadas de um lugar para outro. Mas as festas de padroeiros e de padroeiras são quem marcam o calendário festivo e litúrgico das cidades piauienses, e na cidade de Monsenhor Hipólito Santa Ana e os festejos da mesma marcam a religiosidade de seu povo, tornando memorável a fé dos mesmos, ao passo que a devoção a Santa vem de longa data e continua a existir na atualidade, mantendo os devotos e conquistando novos a cada dia.

Assim, as memórias daqueles que vivenciaram nosso recorte temporal, os anos de 2000 a 2007, época de grande expressão de devoção a Santa Ana, mediante a comemoração de seu centenário em 2007 ajudam a entender também os motivos pelos quais levam as pessoas a terem tanta fé e devoção a Nossa Senhora Santa Ana e como são realizadas essas práticas na comunidade.

Halbwachs (1990), afirma que as memórias são construídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, mas são grupos sociais que determinam o que é memorável. Daí pode-se descrever a memória como uma reconstrução do passado.

Desse modo, esse estudo versa por entender também os motivos pelos quais levam as pessoas a terem tanta fé e devoção a Nossa Senhora Santa Ana e como são realizadas essas práticas na comunidade. Aqui o conceito de memória de Halbwachs (1990) se sobressai, haja vista, para a compreensão da devoção dos hipolitanos a Santa Ana e suas práticas nesse sentido, recorreremos a memória de

sujeitos que vivenciaram o período memorável, o maior esplendor dos festejos à padroeira, que conforme já mencionamos são os anos de 2000 a 2007, onde neste último ocorreu o centenário da padroeira.

As manifestações em torno da padroeira da cidade acontecem com mais intensidade no período que é comemorado os festejos de Santa Ana, de 17 a 26 de julho. Durante essa época a cidade de Monsenhor Hipólito recebe centenas de pessoas das comunidades vizinhas que vêm participar dos festejos de Santa Ana.

Devemos lembrar que a devoção a Santa Ana é anterior a emancipação da cidade, a fé católica sempre marcou a região, a capela para a Santa construída em 1907 marca a devoção de seu povo e o encontro deste com um local sagrado para a veneração a Santa Ana, local propício para professar sua fé. A chegada da imagem da Santa em 1908 é um dos momentos que mais levaram a demonstrações de fé, pois se constitui em um símbolo religioso e, conforme, vimos anteriormente, símbolos servem ao propósito de unificar os homens. A chegada da imagem de Santa Ana a Monsenhor Hipólito teve forte apelo junto aos seus devotos. A partir de então a fé e devoção a Santa Ana foi sendo a cada dia mais fomentada e, embora muitas mudanças tenham ocorrido com a modernidade, sendo que os mais jovens não professam a fé no catolicismo como faziam os mais velhos, os festejos a Santa Ana ainda mobilizam um grande número de pessoas, mostrando que a devoção a Santa é uma das marcas do povo hipolitano.

De acordo com Lima (2009) o campo religioso é muito dinâmico e está sempre inserindo táticas e estratégias que envolvem tanto o institucional, quanto o devocional, a autora entende o poder simbólico de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da mesma forma que entendemos o de Santa Ana, ela é um ícone que favorece a relação subjetiva dos devotos com aquilo que lhes é apresentado como sendo sagrado, onde se destaca o poder simbólico da Igreja e seus discursos que estabelece e dita o que tem e o que não tem valor sagrado.

Os festejos que a Igreja realiza para Santa Ana em consonância com seus devotos é um momento em que estes vivenciam sua fé de maneira mais aguçada e seguem os ritos, colhendo os depoimentos de nossas entrevistadas, podemos perceber como houve mudanças na forma de vivenciar os festejos, assim como destacam aspectos vivenciados no centenário da padroeira em 2007, Ana Vitória de Jesus (2015), hoje com 56 anos de idade, conta como vivencia os festejos a Santa Ana, assim como em especial viveu o centenário.



Os festejos é de muito tempo, ai o pessoal quando chega naquele tempo ,” vamo pra Monsenhor Hipólito para os festejos de Santa Ana. Já vem de tradição, quem mora longe vem e traz os visitantes , que é aqueles que nunca andou aqui pra conhecer . E todos que já vinheram aqui gostaram do festejo como um casal de japonês que teve aqui no festejo de Santa Ana que num lembro que ano foi, é reunir as pessoas, se conhecer.

No centenário eu comprei o livro, 2 camisetas e botava as ofertas. Antes a igreja era mais frequentada. O centenário foi mais organizado que antes. Por que antes a Igreja não tinha condição pra nada e hoje ela tá tendo condições. Antes era muito mais bonito, era acompanhado de música.

Ana Vitória de Jesus (2015) tem 56 anos, sempre morou em Monsenhor Hipólito e faz parte da Igreja, sempre organizando as atividades que nela acontecem, é dizimista e em seu depoimento ressalta o fato de nos festejos de Santa Ana haver grande mobilização para a participação, é hora dos habitantes das cidades vizinhas rumarem para Monsenhor Hipólito, de trazerem pessoas que nunca participaram dos festejos para conhecerem, conta a entrevistada que até um casal de japonês esteve em Monsenhor Hipólito para conhecer, assim questões de sociabilidade aparecem em seu discurso, pois refere-se a pessoas que vinham de outras regiões vivenciarem os festejos em Monsenhor Hipólito. Ana Vitória de Jesus acredita que os festejos de Santa Ana servem para reunir pessoas, possibilitando o conhecimento de novas pessoas.

Ana Vitória de Jesus (2015) expressou em seu depoimento o que a mesma lembra acerca dos festejos de Santa Ana no decorrer dos anos e principalmente no centenário, ela lembra a tradição de pessoas virem à cidade participar das novenas. O que Ana Vitória conta é o que sua memória guardou acerca dos diversos festejos que vivenciou e do centenário do qual pôde participar. Sabemos que a memória é algo bastante problemático, sendo lembrar o passado, escrever sobre ele é uma atividade difícil e que tende a ficar cada vez mais, porquanto a memória não é objetiva e sim seletiva, escolhe-se o que quer lembrar.

Nesse sentido Burke (2011) afirma que memória é feita através de um processo de seleção e interpretação e a forma como se registra e se recorda o passado. A memória é um fenômeno histórico, pelo o que se poderia chamar de história social do lembrar.

Nessa concepção observamos as memórias de nossas depoentes a respeito dos festejos de Santa Ana, o que elas lembram, o que suas memórias guardaram. Ana Vitória de Jesus conta o que percebeu de mudanças ocorridas nos festejos com o passar dos anos, o que ela observa de diferente e o faz com base em sua memória é aquilo que guardou, também Rita Olindrina de Jesus, 67 anos, devota de

Santa Ana, participante ativa na Igreja Católica, dizimista, conta acerca das mudanças ocorridas ao longo dos festejos:

Mudou muitas coisas. Tem tempo, pra ter muita gente. Só tem muita gente mesmo na festa de julho. Agora mesmo vai gente mais é pouca pra igreja. Nos domingos não vai muita gente, só vai mais o povo mais velho, os idosos que já forma sempre acostumados na igreja. Agora quando é em julho, vem gente de todo canto, vem muita gente mesmo. Fora dos festejos o povo é pouco na igreja. Nos festejos as outras cidades, comunidades, também participam cada noite é de um lugar. Uma noite é do Campo Grande, outra é de Alagoinha, outra é da 020, participa né.

Com base em sua memória Rita Olindrina de Jesus conta acerca das mudanças na devoção a Santa Ana com o passar do tempo e também as mudanças ocorridas nos festejos, ressaltando que só os mais velhos costumam ir à Igreja aos domingos. No período dos festejos é grande a participação popular, mas fora o mês de julho, quando estes acontecem, a participação do povo é menor. A quantidade de pessoas nos festejos a Santa Ana é grande, pois toda a população católica de Monsenhor Hipólito participa e povos de diversas cidades destinam-se a Monsenhor Hipólito para participar das demonstrações de fé a Santa Ana.

Burke (2011) comenta que as memórias não são objetivas, assim ao pensar o fato histórico a de se constatar que ele não é puro. Lembrar o passado e contá-lo em palavras não são atividades inocentes, sendo que a memória não é somente uma reflexão do que ocorreu no passado, mas sim a seleção de acontecimentos, onde muitas vezes o indivíduo lembra o que quer lembrar e não precisamente o que aconteceu, da forma verdadeira como aconteceu.

Laura Maria de Jesus, 68 anos, moradora da cidade de Monsenhor Hipólito, frequentadora assídua da Igreja Católica, dizimista, também busca em sua memória lembranças dos festejos e as mudanças advindas com o tempo:

Pra mim o centenário foi o maior evento que, que teve mais gente, mais organização, mais importância. Os que mais frequentam a igreja são aquelas que toda vida frequentou, os mais velhos. A juventude vai, mas não é como os velhos não. A pessoa idosa gosta muito da igreja. Os jovens vão por acaso, no festejo, no final de ano, só vai mesmo nesse tempo. Nos dias de festa tem os dias das comunidades. Assim que começa é só a novena ali, aí depois modifica para as comunidades. Tem a novena do nosso bairro, da Lagoa Santa, do Campo, Alagoinha, aí a gente vai.

Laura Maria de Jesus considera que o centenário foi o maior evento dos festejos de Santa Ana, o mais organizado e o de maior importância, é assim que ela

guarda o centenário na memória. Para Laura Maria de Jesus atualmente apenas os mais velhos têm o costume de ir à Igreja, os mais jovens costumam frequentar a Igreja apenas nos festejos, ou no final de ano.

Os relatos de Ana Vitória de Jesus, Rita Olindrina de Jesus e Laura Maria de Jesus, acerca dos festejos e de suas vivências nos mesmos constituem-se em memórias que serão lembradas, contadas e recontadas. Assim, suas memórias nos interessam assim como a todos os historiadores que optam por trabalhar com a memória, porque ela é uma fonte histórica e um fenômeno histórico, o fenômeno histórico do lembrar. (Burke, 2011).

Devemos olhar para os festejos de Santa Ana, a memória de seus devotos, e perceber que eles podem ser entendidos conforme a ideia de Saraiva (2010) de que o sagrado e a religiosidade não é algo inexistente ou impossível, é uma experiência humana, um fato real que inclui inúmeras dimensões, sendo tanto místico, quanto lógico, tanto estético, quanto político. Saraiva (2010) entende o sagrado como criação humana que se torna legítimo, conforme as populações o vivenciam, assim os devotos de Santa Ana ao viverem sua fé, ao realizar os festejos em veneração à Santa, ao realizarem novenas para a mesma, contribuem para que o sagrado se torne uma experiência legítima e existente.

Uma das épocas de maior expressividade da devoção a Santa Ana foi o ano do centenário, onde Ana Vitória de Jesus (2015) comenta ter comprado livros, camisetas e sempre contribuído com ofertas (dinheiro), ela chama atenção, ainda, para o fato de a Igreja ter condições financeiras de fazer um festejo bonito, pois antes não possuía recursos, embora as músicas de outra época engrandecessem os festejos e tornassem tudo muito bonito. Os festejos levam as pessoas a gastarem, pois os devotos querem adquirir os livros das novenas, camisetas com imagem de Santa Ana e participarem sempre do ofertório, assim a Igreja consegue cada vez mais condições de realizar festejos com mais requintes.

Rita Olindrina de Jesus (2015), 67 anos, também nos conta como vivencia os festejos da Paróquia de Santa Ana:

Particpei de todos os festejo desde quando me criei que minha mãe levava eu pra igreja. Eu acho que na minha vida depois que me entendi no mundo nunca perdi um festejo dela não. Quando eles pede ajuda , eu ajudo nas coisas assim, contribuo com o leilão, galinha, faz bolo pra botar no leilão, sempre a gente ajuda no leilão nos dias da festa. Maria (minha irmã) ainda

dá dinheiro aos missionários, sendo pra igreja sempre tamos pronta pra ajudar, é só falar pra nós.

Os festejos sempre foram uma constante na vida de Rita Olindrina de Jesus, que desde criança acompanhava a mãe para a Igreja, todos os anos participa da festa para Santa Ana e ajuda com o que pode, como ofertas para serem leiloadas, pois os leilões constituem-se em uma tradição nos festejos, e a entrevistada afirma que para a Igreja há sempre de se dar, é preciso ajudar.

Rita Olindrina de Jesus destaca a experiência vivenciada desde criança, pois sua mãe a levava para a Igreja desde muito cedo, tornou-se frequentar a mesma com costume, sua maneira de agir agarrou-se a cultura, seguindo as tradições próprias da Igreja Católica, assim como concebe Thompson (1987) ao tratar da questão da experiência, desse modo, sua experiência foi determinada pelas relações de produção e cultura em que nasceu.

Analisando as falas de Ana Vitória de Jesus, Rita Olindrina de Jesus e Laura Maria percebe-se que as mesmas ao relatarem acerca dos festejos, do que guardam em sua memória, do que vivenciaram nos mesmos, e a respeito do centenário da Santa, principalmente, podemos observar que as entrevistadas falam sobre o fato da notável organização do centenário, de sua importância, bem como todas apontaram que ao longo do tempo ocorreram mudanças nas manifestações de devoção a Santa Ana, bem como nos festejos em si, atentaram para o fato de que apenas os mais velhos continuam com a mesma devoção, que os mais jovens não se expressam da mesma forma, vão à Igreja somente nos festejos, não têm a tradição de participarem das missas de domingo. O fato de muitas pessoas virem de outras cidades para participarem dos festejos também é mencionado pelas depoentes.

Desse modo, podemos perceber que as informações prestadas pelas depoentes que participaram de nosso estudo, não divergem, elas se complementam para mostrar que as manifestações de fé a Santa Ana são muito expressivas em Monsenhor Hipólito e, embora, tenham sofrido mudanças ao longo do tempo, ainda tem lugar de grande destaque nessa cidade, sobretudo, no mês de julho, quando são realizados os festejos de Santa Ana, também é inegável o grande valor que teve para população a comemoração do centenário da Santa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo problematizar a relevância das práticas de manifestações de devoção de fé a Santa Ana, através de um olhar histórico permeado pela memória daqueles que vivenciaram a religiosidade e as práticas de devoção a Nossa Senhora Santa Ana, buscando compreender a significância das mesmas na vida de seus devotos. A memória foi nosso principal aporte nesta empreitada e com ajuda da mesma e de um referencial teórico que embasou nosso estudo, podemos atender ao nosso objetivo.

Assim, compreendemos que as práticas e manifestações de devoção a Santa Ana surgiram junto com a cidade de Monsenhor Hipólito antes mesmo de sua emancipação política e que as mesmas constituem-se em parte da cultura desse povo, bem como de sociabilidade, tais manifestações continuam a ser expressivas na atualidade.

Muitas mudanças, no entanto, ocorreram nos festejos de Santa Ana, em sua maneira de organizar-se e também no que se refere às manifestações de fé e devoção, onde se ressaltou que a população jovem em muito difere da população mais velha em suas práticas, tendo também a cultura de participaram apenas dos festejos na Igreja e não de seus rituais dominicais e outros momentos de celebração.

Desta forma, nossa pesquisa constatou acerca da construção histórica das práticas religiosas que os discursos que a Igreja Católica empreende têm grande influência na vida de fiéis e devotos de Santa Ana, que seguem uma tradição religiosa passada de geração para geração, onde o discurso da Igreja Católica revela a força para manter viva a devoção dos fiéis, concretizando-se nas práticas dos mesmos.

Ressalta-se que o período entre os anos 2000 e 2007 foram os de maior expressividade na devoção a Santa Ana, por ocasião do centenário da Santa, ressaltando sua devoção e as práticas de sociabilidade, pois toda a comunidade católica hipolitana participa dos festejos e participaram do centenário, assim como várias pessoas das cidades vizinhas.

Esperamos, assim, que nosso estudo tenha servido ao propósito de mostrar como é expressiva a fé e devoção do hipolitano católico a Santa Ana, e como suas manifestações e práticas de fé sobrevivem ao passar dos anos, bem como ao

conhecimento de tais manifestações. Esperamos, ainda, que este estudo incentive novas pesquisas acerca da temática e que venham a enriquecer a discussão que experimentamos nesse trabalho.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético**. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 14 – Setembro de 2009, Pág. 106 – 118.

ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. **Dom Avelar Brandão Vilela, entre o texto e o contexto: trajetória e representações do Arcebispo do Piauí (1956-1971)**. 2008, 211f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Teresina, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do Povo: Um estudo sobre a Religião Popular**. 2.ed.São Paulo: Brasiliense, 1986[1980].

BRANDIM, Sergio Romualdo Lima. **Romeiro e Fé: um estudo sobre o santuário de Santa Cruz dos Milagres**. (Dissertação do Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Letras-UFPI); Teresina-PI, 2007.

BURKE, Peter. **Variedade de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em: 01 de junho de 2015.

CENSO DEMOGRÁFICO 2014. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2014/>. Acesso em: 05 de junho de 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**: Difel, 1990.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

GALLO, Fernanda Vendramini. **A teologia da prosperidade e o discurso da igreja universal do reino de Deus**. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT%201/Fernanda%20Vendramini%20Gallo.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2015.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence r (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. Ed. Capinas, São Paulo, UNICAMP, 2003.

LIMA, Ana Cristina da Costa. **Práticas de devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro na Vila Operária, Teresina - PI**. 2009. 220f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Piauí , Teresina, 2009.

MACIEL, Adriana Simões. **História, Catequese e gênero: Uma abordagem dos sentidos de família, maternidade e mulher em discursos da Igreja Católica (Uberlândia, 1978-2013)**. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares**. IN: Revista do Programa de Estudos e Pós-Graduação e do Departamento de História, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral e Poder**. Mnemosine. Universidade La Sapienza, Roma. Vol.6, nº2, P.2-13, 2010.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de porto velho, Rondônia**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano III, n. 7, Mai. 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Luiz Geraldo. Da festa a sedição Sociabilidades, etnias e controle social na América Portuguesa. In: **Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa**. JANCSÓ, István; KANTON, Iris. (Org) Imprensa Oficial. 2001.

THOMPSON, Edward. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VAINFAS, Ronaldo. **História das Mentalidades e História Cultural**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; Vanfas Ronaldo (org). **Domínios da História: ensaios de teoria metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997.



## LISTA DE FONTES

### a) Fontes Escritas

BEZERRA, Miguel Joaquim. **Das origens às raízes: 100 Anos de Santa Ana Padroeira do Riachão.** Monsenhor Hipólito PI: 2007.

**I CENTENÁRIO DOS FESTEJOS DE SANTA ANA.** Monsenhor Hipólito. Livro de Canto. 2007. 70 p.

### b) Fontes Oraís

JESUS, Ana Vitória de. Entrevista I. [Jun. 2015). Entrevistador: Marinêz Maria de Oliveira. Monsenhor Hipólito, 2015. 1 arquivo. Mp3. (28 min).

JESUS, Rita Olindrina de. Entrevista I. [Jun. 2015). Entrevistador: Marinêz Maria de Oliveira. Monsenhor Hipólito, 2015. 1 arquivo. Mp3. (22 min).

JESUS, Laura Maria de Entrevista I. [Jun. 2015). Entrevistador: Marinêz Maria de Oliveira. Monsenhor Hipólito, 2015. 1 arquivo. Mp3. (20 min).

## APÊNDICE

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

Como iniciou sua vida religiosa?

Orientações da Igreja influencia na vida ou o cotidiano.

Houve alguma mudança de quando iniciou os festejos de Santa Ana para os dias atuais?

Qual é a relação da(o) senhora(o) com a padroeira Santa Ana?

O que Santa Ana representa em sua vida?

Você já fez algum pedido/promessa a Santa Ana? Alcançou a graça?

Como você participa dos festejos da padroeira?

Como são realizadas as festividades da padroeira?

Qual a importância dos festejos para a comunidade hipolitana?

De que forma a comunidade participa desses festejos?

No Centenário da padroeira como foi sua participação ?

**ANEXOS**

*Imagem de Santa Ana da Igreja de Monsenhor Hipólito*



*Fonte: Domínio público*

*Fiéis Na novena de Santa Ana- Monsenhor Hipólito*



Fonte: Domínio público

*Procissão de Santa Ana-Monsenhor Hipólito*



Fonte: Domínio Público



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Marinêz Maria de Oliveira,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Práticas de fé e devoção a Santa Ana na  
cidade de Monsenhor Hipólito - PI nos anos de 2000-2007  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de Junho de 2016.

Marinêz Maria de Oliveira  
 Assinatura